



O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM

Glaudston Silva de Paula - Enfermeiro. Aluno especial no Mestrado Acadêmico em Ciências do Cuidado da Saúde na Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense. E-mail: glaudston.silva@gmail.com.

Julia Fontes Reis - Enfermeira. Coordenadora de Enfermagem da Clínica de Tratamento e Reabilitação de Dependente Químico Comunidade S8. E-mail: juliafontesreis@gmail.com.

Zenith Rosa Silvino - Doutora em Enfermagem. Mestre em Direito. Professora Titular da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Núcleo de Pesquisas em Cidadania e Gerência na Enfermagem (NECIGEN) da Universidade Federal Fluminense. E-mail: zenithrosa@terra.com.br.

Virginia Faria Damásio Dutra - Doutoranda da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, ENSP/FIOCRUZ. Professora da Escola de Enfermagem Anna Nery/EEAN da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ E-mail: virginia.damasio@gmail.com.

André Luiz de Souza Braga - Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente. Professor Assistente da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense. E-mail: andre.braga@globo.com.

Elaine Antunes Cortez - Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense E-mail: nanicortez@hotmail.com.

Descritores: Enfermagem, Saúde mental, Saúde do trabalhador.

INTRODUÇÃO

Os profissionais mais suscetíveis aos problemas da saúde mental são aqueles que interagem, a maior parte do tempo, com indivíduos que necessitam de sua ajuda, como as enfermeiras, os professores, as assistentes sociais, entre outras profissões¹.

Alguns fatores interferem nas condições de trabalho, na área da saúde como o desenvolvimento rápido e contínuo da tecnologia na área da saúde; a grande variedade de procedimentos realizados; o aumento constante do conhecimento teórico e prático exigido nessa área; a especialidade do trabalho; a hierarquização, dificuldade de circulação de informação; o clima de trabalho negativo; papéis ambíguos e falta de clareza das tarefas executadas; o ritmo de trabalho, ambiente físico, estresse do contato com o paciente e familiar; a dor e a morte como elementos que potencializam a carga de trabalho ocasionando riscos à saúde física e mental dos trabalhadores do hospital^{2,3}.

Atualmente temos dados de pesquisa suficientes para afirmar que o cotidiano hospitalar é gerador de sofrimento psíquico para os trabalhadores da área da saúde. Pitta identifica o trabalho no hospital como penoso e insalubre para toda a equipe envolvida⁴.

OBJETIVO

Identificar o perfil dos trabalhadores de enfermagem e caracterizar as condições de trabalho que levam o profissional de enfermagem da unidade hospitalar ao sofrimento psíquico

METODOLOGIA

Pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa realizada no Hospital e Maternidade - Luiz Palmier (HMLP) em São Gonçalo/RJ com profissionais de enfermagem.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da EEAN/HESFA - UFRJ, conforme Resolução nº. 196/96 (CNS), sob protocolo nº 070/2009.

Foram entrevistados 40 sujeitos o que representou uma amostra de 42% dos profissionais, do total da população, técnicos e enfermeiros, do hospital em estudo, no horário diurno. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário com 23 questões.

Na categorização dos dados empíricos, utilizamos os passos de Minayo⁵: ordenamento dos dados, classificação dos dados e análise final. Ressalta-se que, o referencial que orientou para a análise dos dados foi Dejours.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

A equipe de Enfermagem do HMLP é representada por 77,5% de profissionais do sexo feminino, na amostra pesquisada, o que representa uma proporção de 3 mulheres para cada homem.

Da amostra, 54% são da Clínica Médica, 10% do Centro Cirúrgico, 8% da Coronária, 8% do Centro de Tratamento Intensivo e 20% são de outros setores.

Quanto ao grau de instrução, a equipe divide-se em dois grupos, no qual a prevalência é o nível técnico com 82% e o grupo de nível superior que totalizam 18%.

Ressaltamos 90% dos sujeitos apresentaram relutância em contribuir com a pesquisa, sugerindo o vínculo, com a instituição em questão, que é de caráter contratual.

Indagados quanto ao anseio que levavam à escolha profissional, 59% dos entrevistados tiveram como fator motivacional a aptidão seguidos de 18% que referiram-se a “outros motivos”, tais como a demanda profissional

no mercado de trabalho, dentre outros, enquanto 13% chegaram ao denominador comum que a curiosidade foi fator preponderante na escolha e 10% pelas situações de doenças em familiares.

No que concerne à relação interpessoal, o interagir com a chefia foi questionado e os resultados mostram que 55% dos entrevistados mantêm uma boa relação.

Não obstante as dificuldades relatadas pelos profissionais, no que tange a satisfação pessoal em relação ao trabalho, observamos que os mesmos encontram-se satisfeitos, totalizando 80%. No cenário de realização profissional notamos que os realizados somam 65%.

Dejours⁶ define o sofrimento como o espaço de luta que cobre o campo situado entre o bem-estar e a doença mental. O sofrimento mental pode ser concebido como a experiência subjetiva intermediária entre doença mental descompensada e o conforto (ou bem estar) psíquico⁷.

No que concerne ao posicionamento dos sujeitos do estudo, para tentar “contorcer” ou camuflar o sofrimento, os trabalhadores usam ideologias defensivas, como deixar de tomar iniciativas e assumir responsabilidades, se fechar, não se comunicam com os outros e passam a se preocupar somente consigo, desconfiando dos colegas de trabalho que poderiam tentar prejudicá-los de alguma maneira. Assim, o relacionamento é rompido para evitar conflitos⁸.

Observa-se que a visão do Enfermeiro Chefe, pelos seus subordinados, é de que o mesmo se distancia do papel de gerente que o enfermeiro tem e se limita a administrar a unidade que é responsável. Neste ínterim, vale lembrar que a Enfermagem galga o rol do caráter participativo e não supostamente o designativo. Entretanto, para os entrevistados a Chefia tem sido um fator desmotivador, dificultador e que afasta dos

princípios humanísticos proposto pelo cuidado, pois a chefia não tem a visão de gestão e sim de administração, ou seja, preocupa-se apenas com o foco operacional e não com o processo e o produto final, que no caso da enfermagem, é o processo de trabalho de enfermagem e o cuidado de enfermagem respectivamente.

A distância entre o nível técnico e superior na Enfermagem, torna-se evidente, a hierarquia com seus paradigmas trazem à luz conflitos entre as subdivisões profissionais, na execução das responsabilidades cotidianas, além de conflitos nas relações interpessoais.

Quando abordados quanto a motivação profissional, a prevalência rumou para a essência da profissão: o cuidar. Ou seja, a maior motivação é o próprio cuidar do outro. Cuidar que abrange a prestação atenciosa e continuada de forma holística a uma pessoa enferma, realçando desta maneira o direito à dignidade da pessoa cuidada.⁹

A prevalência da essência da Enfermagem, alerta para a satisfação do profissional. O mesmo culmina na plenitude da realização profissional, em fazer o que gosta, não obstante os dissabores e conflitos no meio.

CONCLUSÃO

Dentro da pesquisa que nos propusemos a fazer atingimos o nosso objetivo, onde nossos dados confirmam que o maior sofrimento psíquico está diretamente ligado a organização do trabalho e não com a profissão. É notório que o orgulho de ser enfermeiro se conflita com uma condição de trabalho insatisfatória gerada também pela dificuldade de relacionamento interpessoal.

Os resultados nos levam a essência da profissão, que se fundamenta no cuidar com amor ao próximo, com doação e humildade, pois a grande maioria dos entrevistados se consideram plenos, realizados e felizes em sua profissão.

Silva de Paula G, Reis JF, Silvino ZR *et al.*

Assim, retomamos aos primórdios da profissão, cujas bases foram erigidas por Florence Nightingale galgadas pelo rol do altruísmo.

REFERÊNCIAS

1. Baba V, Galaperin BL, Lituchy TR. Occupational mental health: a study of work-related depression among nurses in the Caribbean. *International Journal of Nursing Studies*. 1999; 36(1): 163-9.
2. Santos MS, Trevizan MA. Sofrimento psíquico no trabalho do enfermeiro. *Nursing Rev Téc Enf*. 2002; 52(1): 23-28.
3. Moos RH, Cronkite RC, Finney, JW. Health and Daily Living Form Manual. 2^a ed. California: Mind Garden; 1990.
4. Pitta AM. Hospital: dor e morte como ofício. São Paulo: Hucitec; 1990.
5. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde. São Paulo: Hucitec; 2004.
6. Dejours, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações In: Chanlat, JF. O indivíduo na Organização. 3^a ed. São Paulo: Atlas; 1996.
7. Dejours, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5^a ed. São Paulo: Cortez; 1992.
8. Milanesi K, Collet N, Viera CS, Oliveira BRG. Sofrimento Psíquico em Dejours. Seminário Nacional: Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel: Edunioeste. 2008.
9. Pacheco S. Cuidar da pessoa em fase terminal: perspectiva ética. Loures (Portugal): Editora Lusociência; 2002.

Recebido em: 29/09/2011

Aprovado em: 29/12/2011

R. pesq.: cuid. fundam. online 2012. jan/mar. (Ed. Supl.):33-36